

WALTER BENJAMIN: INCONSCIENTE E AGORA MESSIÂNICO

José William do Nascimento Leite¹

RESUMO

As contradições da Modernidade como a onipresença do culto da mercadoria enquanto extremo do desvalor da vida, revelam as poucas condições a partir das quais a felicidade ainda é possível. Essas condições são a frágil força messiânica. Sob a forma da resistência que brota do inconsciente, somente ela é capaz de promover desvios ao *continuum* histórico e engendrar o despertar – desmitificação da Modernidade – numa imagem dialética livre do fluxo contínuo da história. O momento do despertar corresponde ao tempo do agora, concebido por Benjamin como moradia da felicidade.

Palavras-chave: Modernidade. Progresso da técnica. História. Resistência. Felicidade.

ABSTRACT

The contradictions of modernity, as the ubiquity of the cult of the commodity as an extreme of the worthlessness of life, reveal, thus, the few conditions from which happiness is still possible. These conditions are the weak messianic power. In the form of resistance that comes from the unconscious, only this power is able to promote deviations to the historical continuum and engender enlightenment - demystification of Modernity - a dialectic image free from the continuous streaming of history. The moment of awakening is the time of now, conceived by Benjamin as the dwelling of happiness.

Keywords: Modernity. Progress of technique. History. Resistance. Happiness.

Como alguém que na barra fixa executa o giro gigante, nós próprios quando jovens giramos a roda da fortuna, da qual então mais cedo ou mais tarde sai a sorte grande... E por isso uma coisa nunca pode ser reparada: ter deixado de fugir da casa de seus pais. De quarenta e oito horas de desabrigo nesses anos condensa-se como numa barrela o cristal da felicidade da vida.
Walter Benjamin

A Modernidade se apresenta por seus efeitos estéticos e também por seus traços ideológicos, mas tanto por um lado quanto por outro se revela por suas contradições. O organismo humano individual e também coletivo absorve inevitavelmente tais contradições, que como choques lhes promove consequências antes inimagináveis como o declínio da experiência, e as reproduz muitas vezes sem a devida consciência do que está em jogo. O exercício desse impulso reprodutor em que consiste o próprio progresso mantém a Modernidade em amplo

¹ William Leite é mestre em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

desenvolvimento “evolutivo”, tal como previra a razão iluminista, ao passo que rejuvenesce o *conformismo* humano tão necessário a todo sistema de dominação. Assim confirma a tese 11 de Sobre o conceito de História:

O conformismo que sempre teve em seu elemento na social-democracia, não condiciona apenas suas táticas políticas, mas também suas ideias econômicas. É uma das causas do seu colapso posterior. Nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nadava com a corrente. O desenvolvimento técnico era visto como declive da corrente, na qual ela supunha estar nadando.²

Outra síndrome que Benjamin vai diagnosticar no estágio da cultura de onde desaparece a experiência é também o fim da “capacidade de indignar-se”. O interior burguês condicionava o comportamento dos seus habitantes. Ao se quebrar um objeto, por exemplo, o “modo de encolerizar-se (...) era antes de mais nada a reação de um homem cujos vestígios sobre a terra estavam sendo abolidos”³. Os novos hábitos já tinham sido adestrados. Perdida a experiência, ao contato com a realidade estéril de memória, dá-se o nome de vivência (*Erlebnis*). Desaparece a espontaneidade. O homem se domesticara, perdera seus impulsos naturais. Restam apenas as sensações. Enquanto “órgão” humano, a sensação deverá sempre buscar uma pseudo-harmonização diante dos sucessivos choques provocados pela Modernidade. Se esta impele indefinidamente ao novo, exigindo uma adaptação constante, a sensação se encarregará de canalizar, rapidamente, as energias do organismo humano para esse fim, ainda que provoque no homem instabilidades. No entanto, as sensações representam os únicos canais que vão permitir os choques, possivelmente assimiláveis pelo inconsciente para que se manifestem na percepção (*Wahrnehmung*).

As condições gerais para a percepção ficam a cargo dos choques e sensações provocadas por eles. Sabe-se que as grandes construções em aço e vidro, para citar alguns materiais usados na arquitetura da Modernidade, substituíram os espaços antigos onde coletivamente se desenvolvia a existência. As antigas formas de trabalho artesanal, adequadas à vida e às circunstâncias que ligavam o homem aos demais e à Terra, também cederam lugar aos novos

² BENJAMIN. “Sobre o conceito da história” in: *Magia e técnica Arte e Política*, São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 227.

³ BENJAMIN. “Experiência e pobreza” in: *Magia e técnica...*, *Op. cit.*, p. 118.

processos de automatização promovido pela “aceleração dos instrumentos técnicos”, com o processo de produção (*Herrstellungsverfahren*). A transferência do velho para o novo, justificada pela proeminência da novidade gerada pela técnica, se realizou abruptamente em descompasso com o tempo longo necessário para a assimilação por parte do psiquismo humano. A novidade apresentada ao indivíduo e à coletividade por meio dos artigos de massa que beiravam a sofisticação, foram possíveis com o avanço da técnica mecânica e os processos de automatização. Esses traços estéticos tornaram-se expressões do “Belo”, representação mesma do estereótipo da beleza. O Belo, que segundo Benjamin é inalcançável como objeto de posse, transformou-se na Modernidade em artigo de mostruários envidraçados, expostos ao desejo da massa. Essa dimensão do Belo, expressado nas construções, nas metrópoles, nas mercadorias, remodelou o mundo, desvelando o seu aspecto onírico. O habitante das metrópoles enxergou no novo a oportunidade de realizar sonhos antes adormecidos. A fantasmagoria da metrópole dá as diretrizes. Em seu interior, no espaço das indústrias, são definidos os moldes da beleza a entrarem no processo da reprodutibilidade. Tudo isso, porém, não se faz sem o auxílio incondicional do aparato técnico, como resultado de uma “ciência operativa”, absolutizada pela *ratio* iluminista. Benjamin observa já no século XIX a desproporção entre a aplicação tecnológica para a reprodutibilidade e a que seria necessária a uma nova ordem social:

O século (XIX) não soube responder às novas virtualidades técnicas com uma nova ordem social. É por isso que a última palavra coube às mediações enganosas do antigo e do novo, que estão no coração de suas fantasmagorias. O mundo dominado por essas fantasmagorias é – para usarmos a expressão de Baudelaire – a Modernidade.⁴

A “estetização” geral da vida e do mundo que se reflete na fantasmagoria na Modernidade, é o correlato do conceito de universalização proposto pela tradição “humanista”. A busca pelo pseudo-Belo, onde o luxo representa o ápice do sonho, tem no progresso a mais alta justificativa. O progresso é o dogma da Modernidade. Somente ele é capaz de tornar possível o impossível, e o imaginário em “real”. Pelos meios técnicos de que dispõe, o progresso tem como tarefa realizar a vida humana no que ela tem de fantasiosa e onírica. Em nome do progresso (*Fortschritt*) a

⁴ BENJAMIN, *Passagens*, Tradução: Willi Bolle et alii, Belo Horizonte: Humanitas, 2006, p. 67.

humanidade avança linearmente conforme a evolução da técnica, num *tempo homogêneo e vazio*,⁵ isto é, sem desvios (*Umwege*).⁶ Sabe-se que método para Benjamin significa *caminho indireto, desvio*, como possibilidade de driblar as distorções da cultura transformada em *barbárie*. Pois o espírito humano está como preso às asas do progresso. Esse é o traço ideológico que se consolida na consciência como mito, isto é, na consciência embotada, incapaz de libertar-se da ilusão e do sonho. Ela perdeu sua capacidade de perceber (*wahrnehmen*) para além da fantasmagoria, não percebe o alto custo da vivência com o moderno. Restam as ruínas através das quais os fragmentos, abertos a decifração, denunciam a Modernidade como catástrofe. O mito é o símbolo de uma realidade aberta ao culto, nunca a uma explicação verificável. A Modernidade, portanto, é o tempo mítico no qual a antiguidade tem sua atualidade, sua pós-história. A fantasmagoria produzida pela Modernidade “apazigua” na pseudo-consciência as destruições naturais e humanas com a alegação da novidade na mercadoria. É o que o *coleccionador* faz ao retirar o objeto de sua função para admirá-lo, como propriedade sua e “se reconciliar” consigo mesmo. Nessa reconciliação existe a expectativa de um átimo de felicidade. A consciência para Benjamin perdeu suas forças, elas somente podem ser reativadas pelo inconsciente.

Na tentativa de dar uma forma à Modernidade ou de definir a fisionomia da Modernidade, a análise de Benjamin vai proceder pela imersão no sonho visando sua dimensão histórica. A intenção não é fazer uma descrição do mito a partir do sonho, correndo o risco de permanecer na esfera onírica, mas de apontar de que forma o mito está dissolvido na história. A história deve ser capaz de desfazer o que a partir de seu solo material foi edificado, e pensar significa “fazer uma imersão no pormenor do conteúdo material”.⁷ Demolir as representações míticas dissolvidas na história é o ponto que diferencia a intenção “poética e artística” do surrealismo, da intuição política que Benjamin vislumbra, a partir das energias do inconsciente, despertadas pelo mesmo movimento:

⁵ BENJAMIN. “Sobre o conceito de história” in: __ *Magia e Técnica, Arte e Política*, Tradução: Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 229.

⁶ BENJAMIN. *Origem do drama barroco alemão*, Tradução: Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1984, p.51.

⁷ BENJAMIN. Questões introdutórias de crítica do conhecimento in: __ *Origem do drama barroco alemão*, Tradução: Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 50

Diferenciação deste trabalho em relação a Aragon: enquanto Aragon permanece na esfera do sonho, propõe-se aqui encontrar a constelação do despertar. Enquanto em Aragon subsiste um elemento impressionista – a “mitologia” (e a esse impressionismo se devem os muitos filosofemas vazios do livro), trata-se aqui de dissolver a “mitologia” no espaço da história. O que, na verdade, só se pode realizar despertando um saber ainda não consciente do passado.⁸

Como meio de “alertar” o consumidor sobre a aparente riqueza da metrópole, Benjamin contrapõe à pobreza de experiências aparente riqueza que surge como uma miragem. Nesse intervalo pode ser “despertada”, meio à indefinição, a diversidade de opções, como se encontra em uma encruzilhada. Porque enfim, por trás do aparente enriquecimento provocado pela aceleração da vida moderna não passamos de bárbaros navegadores, a deriva e sempre em busca, nas entrelinhas e “nervuras do real”. O aspecto negativo da mitologia da Modernidade só pode aparecer por uma operação das imagens dialéticas oriundas de uma imersão no sonho. É por intermédio do mito que é possível denunciar a Modernidade enquanto cenário de catástrofe, desocultando a dominação e a opressão por trás da imagem fantasmagórica da metrópole. A visão reversa da metrópole capaz de comover qualquer habitante pode ser assim descrita:

Seja qual for o partido a que se pertence [...] é impossível não ficar comovido com o espetáculo dessa multidão doentia, que traga a poeira das fábricas, inspira partículas de algodão, se deixa penetrar pelo alvaide, pelo mercúrio e todos os tóxicos usados na fabricação de obras-primas [...]. Essa multidão se consome pelas maravilhas, as quais, não obstante, a Terra lhe deve. Ela sente correr em suas veias um sangue púrpuro e lança um olhar demorado e cheio de tristeza sobre a luz do Sol e a sombra dos grandes parques [...].⁹

O mito instalado na consciência se apoderou do homem, e nele se transfigura em conformismo. “É preciso”, diz Benjamin, “arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela”¹⁰. A consciência se associou ao estabelecido, ou seja, às estruturas da Modernidade que disponibilizam para o consumo toda sorte de mercadorias. O estabelecido surge para atender aos desejos infinitos da consciência narcotizada, e é exatamente essa total subserviência que a

⁸ BOLLE. *Fisionomia da Metrópole Moderna*, 2000, p. 61.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 29.

¹⁰ Walter Benjamin, “Sobre o conceito da história” in: *Magia e técnica...*, *Op. cit.*, p. 224.

escraviza ao mito da Modernidade. A sujeição do homem ao mito transforma também sua criação realizada na técnica em aparelhos “indestrutíveis”, já dizia Léon Daudet citado por Benjamin: “L’automobile c’est la guerre”¹¹, em que a surpreendente associação de palavras mostra a recorrência incessante do homem ao poder do aparelho como uma “solução” para a vida. As máquinas são construções míticas. O dom benjaminiano de observar a ambivalência das coisas e encontrar nessa dualidade a chave para abrir as portas da existência leva o filósofo a ver no cinema uma possibilidade de dissolução das neuroses:

Se levarmos em conta as perigosas tensões que a tecnização, com todas as suas consequências engendrou nas massas – tensões que em estágios críticos assumem um caráter psicótico – perceberemos que essa mesma tecnização abriu a possibilidade de uma imunização contra tais psicoses de massa através de certos filmes, capazes de impedir pelo desenvolvimento artificial de fantasias sadomasoquistas, seu amadurecimento natural e perigoso.¹²

A técnica construída pelo homem apresenta, também para Benjamin, a despeito de sua utilização funesta na guerra imperialista – em que sua eficácia é testada e justificada – a sua outra *face de Janus* exemplificada no cinema:

A hilaridade coletiva (no cinema) representa a eclosão precoce e saudável d(ess)a psicose de massa. A enorme quantidade de episódios grotescos consumidos no cinema constituem um índice impressionante dos perigos que ameaçam a humanidade, resultantes das repressões que a civilização traz consigo. Os filmes grotescos, dos Estados Unidos, e os filmes de Disney produzem uma explosão terapêutica do inconsciente. Seu precursor foi o excêntrico.¹³

O despertar provém de uma experiência melancólica. Essa experiência é alimentada pelo choque das contradições da Modernidade. As contradições se referem, por exemplo, ao contraste entre progresso e pobreza, entre, de um lado, a impressão de liberdade total vivenciada pelo consumidor diante de vitrines e, de outro, o cerceamento da vida. Esse contraste produz um choque que é interpretado como o sonho neurótico do habitante das metrópoles. Esse sonho indica a

¹¹ Walter Benjamin, “Teorias do fascismo alemão...” in: *Magia e técnica...*, *Op. cit.*, p. 61.

¹² Walter Benjamin, “A obra de arte na era...” in: *Magia e técnica...*, *Op. cit.*, p. 190.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 190.

existência de um poder oculto: a mitologia da Modernidade. O sonho é a instância que o movimento surrealista vai percorrer como se atravessa um labirinto. Benjamin vai aproveitar as forças descobertas pelos surrealistas para conhecer a história onírica, visando compreender a mitologia do presente histórico. Ele não procede, como os historicistas, pelo transporte do conhecimento do presente para conhecer o passado como ele de fato foi, pois na origem desse método exalta-se a *empatia*. Ela é o vício do historicismo. Isto é, os historicistas se relacionam com os fatos do passado com os quais eles próprios se identificam. Numa frase, sua identificação é com os *vencedores*. Ao contrário, Benjamin procederá pela recuperação do passado contido no sonho, isto é, pela assimilação de um saber não-consciente e sua devida condução ao *consciente desperto* (*Wachbewusstsein*), através de uma imagem. A imagem assume o potencial da linguagem empobrecida. Benjamin concilia imagem e linguagem na alegoria. A imagem que resulta da mônada temporal que reúne passado e presente é a forma da imagem dialética. Esta imagem é como um resumo histórico singular, tornando possível, por exemplo, a França, olhando para Roma, realizar a Revolução Francesa. De posse dessa imagem o crítico concretiza o despertar histórico. A imagem dialética é como o elemento explosivo da política. Somente ela é capaz de interromper a marcha de catástrofe da história. Nesse mundo de conflitos em que as contradições só podem ser interpretadas à luz da imagem dialética, a imagem é “a quintessência do método” e a “síntese dialética deve ser substituída pela revolução proletária”, diz Benjamin citando Korsch.¹⁴

Desvelar a oposição entre a história dos vencidos e dos vencedores só será possível com a leitura do passado realizada pela rememoração. Por isso o despertar é a forma mais autêntica de toda *rememoração*. A memória, porém, se empobreceu na Modernidade. O habitante das metrópoles é, por assim dizer, um ser desmemoriado. O que ainda reside na memória deve sua manifestação à forma fragmentária. Os traços mnemônicos cintilam indefinidamente e em pedaços aparentemente indecifráveis. Seus conteúdos não são apreensíveis em sua totalidade de significação. Mas aqui entram os esforços do crítico filosófico e do artista. Ambos conseguem o mesmo resultado. Enquanto a arte deixa vir a tona sua *historiografia inconsciente*, para desvelar a “verdade” de um tempo, o trabalho do crítico é o de não ignorar nada que se apresente fugazmente. O passado que

¹⁴ BENJAMIN. *Passagens*, 2006, p. 525.

relampeja ao presente pode originar uma experiência revolucionária. A função do historiador materialista é a de “despertar no passado as centelhas da esperança”¹⁵. A imagem dialética que concentra passado e presente aparece no *agora*. Eis que o tempo do agora surge, para Benjamin, como o tempo da felicidade. O tempo do agora como última oportunidade, como tempo da salvação carrega consigo toda possibilidade, como uma promessa. Contudo, o tempo do agora (*Jetztzeit*) é algo que surge para o homem desde o início dos tempos, mas que sem a contrapartida humana, individual ou coletiva, não consegue por si mesmo se concretizar. Neste caso, a ação do homem, com toda sorte que lhe acomete, é movida pela esperança. Sua realização ocorrerá em um momento indefinido, pela força do inconsciente onde atua a *frágil força messiânica*. Ela surge tão-somente para o presente no momento da ação para algo a ser salvo, esta salvação significa também a salvação do presente.

O tempo do agora como modelo do messiânico não é a certeza do alcance da felicidade e da salvação pelo homem, mas, necessariamente, a promessa de sua realização. O tempo do agora é uma oportunidade que não se pode perder sob o risco de se perder a última chance. O tempo do agora (*Jetztzeit*) contém em si a possibilidade verdadeira de algo que está posto como um imperativo, desvencilhando o progresso ou a utópica resolução dos conflitos humanos. O tempo do agora se opõe necessariamente ao tempo da utopia prometida para o futuro enquanto moradia de toda concretização da promessa de felicidade. Ao contrário, ela se realiza no presente, neste é que se encontram os estilhaços do messiânico.

Ao afirmar que o “materialismo histórico’ ganhará sempre [...] desde que tome a seu serviço a teologia”, Benjamin indica que a ação está condicionada na Modernidade a uma concretude regida pelo materialismo histórico. Em outras palavras, é através da história em toda sua manifestação fugaz e empírica e não menos teológica que o homem pode ter acesso tanto aos bens materiais quanto espirituais. O entrecruzamento de materialismo histórico e teologia revela um ponto exato, qual seja, o tempo messiânico, que surge, em sua atualidade viva, para por um fim a toda a história da opressão.

O materialismo histórico é menos uma instância subordinada à teologia, ou contraposta a ela, mas uma das suas revelações no mundo profano - a de trazer o

¹⁵ Walter Benjamin, “Sobre o conceito da história” in: *Magia e técnica...*, Op. cit., 224.

bem estar para a humanidade. A teologia atua em favor do materialismo, é mister afirmar que ela é impregnada de conteúdos históricos oriundos do mundo empírico. A íntima relação entre materialismo e teologia é possível porque Benjamin concebe a história como uma unidade composta necessariamente da dimensão profana (*weltlich*) e anímica (*geistlich*), assim sendo, o fim da história resultará da intrínseca relação entre materialismo e teologia - algo indefinível e misterioso que se identifica inteiramente com a história natural¹⁶. Benjamin percebe que o *poder divino* se encontra no mundo em forma de *frágil força messiânica*. Essa força se expressa através da educação na própria existência: a existência humana é a atuação do poder divino no mundo.¹⁷ Essa concepção revela não a oposição entre materialismo e teologia, mas sua complementaridade na constituição da história, neste caso a existência de um paradoxo é completamente refutada.

As aspas que delimitam o materialismo histórico dentro do contexto em que Benjamin o compara com um fantoche, na verdade o distancia de qualquer forma de redução e manipulação, libertando-o de todo “preceito doutrinário imperativo”, como simples instrumento das classes utópicas e dominantes¹⁸, seja qual for a forma ou a natureza teológica desses operadores. Livre da operacionalidade desses agentes, a história pode se desenvolver segundo sua própria natureza, indefinida, descontínua e autonomamente, revelando-se pelos pequenos e pelos grandes acontecimentos histórico-messiânicos. O tempo histórico-messiânico corresponde ao conceito benjaminiano de *tempo do agora*, em que as mônadas temporais coincidem salvando presente e passado. O agora (*Jetztzeit*) é o tempo assentado sobre bases materiais com elementos teológicos. O agora é a esperança realizada. Ela desconstrói o conceito de utopia. Desfaz o espectro de uma espera inútil. A

¹⁶ Do ensaio sobre o narrador, de Benjamin, é possível extrair um conceito da história que tem como centro não o homem ou a natureza, mas a vida natural, isto é, a intensidade da relação entre ambos, onde um constitui o outro e onde a natureza se transforma em fonte de vida e de saber, onde o homem se manifesta coletivamente e morre como um ser da vida. (Cf. Walter Benjamin, “O Narrador...” in: *Magia e técnica...*, *Op. cit.*) Conferir também comentários da “Apresentação” da *Origem do Drama...*, p. 36.

¹⁷ BENJAMIN. *Documentos de Cultura, documentos de barbárie*. Tradução e Organização: Willi Bolle, São Paulo: Cultrix, 1986, p. 173

¹⁸ As classes utópicas compreendem o materialismo histórico como um instrumento mecânico, destituído de toda dimensão teológica, espiritual, e com função determinada e por isso previsível: é certo que as classes oprimidas um dia vencerão as classes de dominadores. As classes dominantes, a mesma dos vencedores, se apropriam de todo patrimônio histórico, por isso nunca um materialista histórico se aproxima dos monumentos da cultura sem antes ficar horrorizado (Cf. Walter Benjamin, “Sobre o conceito...” in: *Magia e técnica...*, *Op. cit.*, p. 225).

felicidade, então, somente pode ser pensada no tempo do agora, no tempo que existe e para o qual o acesso pela humanidade é possível.

A relação entre Teologia e Materialismo é de constituição. Por isso “numa arena comandada pela classe dominante”¹⁹ as “coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor”²⁰, mas como um elemento da própria história “onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente”²¹.

Sem apontar uma finalidade – sumo bem²² – ou uma ideia clara e distinta²³ para essa finalidade, ou ainda, sem apontar um instrumento humano supostamente apriorístico²⁴ e uma lei universal-categórica²⁵ para essa finalidade, Benjamin percebe o tempo que existe e o concebe como moradia da felicidade e da salvação. Assim o presente não é senão “como um ‘agora’ no qual se infiltraram estilhaços do messiânico”. Deste modo não é o fim, mas é o meio que conduz ao estado messiânico. É o tempo que existe, como o agora histórico, que contém em si as coisas espirituais e que por isso se converte necessariamente em modelo do messiânico. O agora messiânico resguarda a experiência da ação, mas também a experiência do estado de graça (*Gnadenzone*). Em outras palavras, “a imagem da felicidade está indissoluvelmente ligada à da salvação”, isto é, a felicidade é possível a cada momento do presente, cada um deles tem de ser aproveitado como última oportunidade, como instante decisivo²⁶, que não se pode de maneira alguma desperdiçar. Sobre o tempo do agora: sua ocorrência é saturada de conflitos humanos e também de desvios a essas tensões, ou seja, na composição do tempo do agora entram elementos como traições, dominações, catástrofes e ruínas, mas também humor, confiança e meios puros – relações do coração. Essa totalidade é a imagem encenada no palco do drama barroco, que é a imagem da história. A

¹⁹ Walter Benjamin. “Sobre o conceito da história” in: *Magia e técnica...*, *Op. cit.*, p. 230.

²⁰ Idem, ibidem, p. 224.

²¹ Idem, ibidem, p. 230.

²² No pensamento aristotélico, toda ação humana visa um fim, uma finalidade, identificado como sumo bem ou felicidade. (Cf. ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*, 1094a). No pensamento agostiniano, o sumo bem é Deus, onde reside toda felicidade. O homem no decorrer de sua história deve buscar o sumo bem para ser feliz.

²³ Descartes propôs um método que significasse um caminho claro e distinto através do qual o pensamento pudesse sem erros e sem desvios alcançar a verdade, esta seria o fim da ação, o resultado por toda ação humana.

²⁴ Kant concebeu o homem como sujeito do conhecimento, ser dotado de estruturas a priori que, transformado em senhor da sua história, é capaz de sistematizar a realidade racionalmente. A razão, segundo Kant, é o grande instrumento humano para a paz perpétua.

²⁵ Relativo ao imperativo categórico, conceito kantiano que como uma lei universal deveria ser seguida por todos os povos para que alcançassem a paz.

²⁶ O conceito de *kairos* representa esse momento oportuno. Cf. GAGNEBIM, *História e Narração...*, *Op. cit.*, p. 18.

história se constrói, portanto, com essa forma, esses elementos e nesse tempo. “A história é objeto de uma construção cujo lugar [...] é [...] um tempo saturado de ‘agoras’”.

O agora é um tempo no qual toda a história da humanidade se encontra resumida, porque nele coexiste a dimensão do inconsciente, todo passado, presente e futuro. O passado, por mais remoto que seja, participa da constituição do presente como um agora, eis que a distância entre ambos apesar de imensurável é extremamente aproximada. Sendo o agora o tempo no qual a história se constrói, é o agora o “tempo histórico ‘pleno’, em que cada instante contém uma chance única, uma constelação singular”²⁷. A ideia de uma constelação como imagem do tempo da história pressupõe a existência de diversos pontos históricos dispostos como as estrelas no céu. Tal concepção de tempo inviabiliza a concepção de tempo linear, como se fosse o agora um ponto numa linha sucessiva. E fosse o passado não mais que um ponto distante, fixo e imutável, que se distancia ainda mais a cada novo agora, sem retorno e fadado à extinção. O agora se converte, então, no ponto onde a história se encontra toda reunida: “O agora, que como modelo do messiânico abrevia num resumo incomensurável a história de toda a humanidade, coincide rigorosamente com o lugar ocupado no universo pela história humana”.

Considerar a linearidade do tempo é admitir a possibilidade do futuro como um tempo determinado, podendo ser uma base sólida capaz de assentamento de toda ação e também de toda felicidade. A ideia do futuro como moradia da felicidade transforma a imagem da felicidade em utopia, pois diante da impossibilidade de sua realização no presente ela só poderia ser pensada no futuro que nunca chega. Ao contrário, na ideia do *tempo do agora* “a imagem da felicidade está indissoluvelmente ligada à da salvação”, isto é, como algo a ser salvo no instante de sua oportunidade. O tempo do agora é marcado por uma memória para trás, que inclui toda a tradição, e uma predisposição para frente, que inclui indicações ao que estar por vir. A essência ou o alvo desse agora é o fato histórico compreendido como origem, isto é, como um ponto necessariamente histórico pertencente ao movimento do vir-a-ser mas que se relaciona com sua pré e pós-história: “articular o passado é apropriar-se de uma reminiscência e “libertar o futuro” é possível tão-somente “a partir da sua forma presente desfigurada, através de um ato de

²⁷ LÖWY. *Walter Benjamin: aviso de incêndio...*, p. 119.

conhecimento .”²⁸ Preso ao vir-a-ser, o fato histórico originário não se encontra nunca como fatos brutos fornecidos pela gênese, mas como fatos incompletos e inacabados sujeitos à ação decisiva da boa vontade do homem, e conjuntamente à sua presença de espírito (*Geistesgegenwart*).

²⁸ BENJAMIN. A vida dos estudantes in: __Documentos de Cultura... p. 151.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Obras Escolhidas: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Obras Escolhidas: Rua de Mão Única.** São Paulo: Brasiliense, 1993b.

_____. **Origem do Drama Barroco Alemão**, trad. e pref. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Passagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. Organização: Willi Bolle. Colaboração: Olgária Chain Féres Matos. Tradução do alemão: Irene Aron. Tradução do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão.

BOLLE, Willi (org.). **Documentos de cultura, documentos de barbárie.** São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.

_____. **Fisiognomia da Metrópole Moderna:** Representação da história em Walter Benjamin / Willi Bolle. 2. ed. – São Paulo: Edusp, 2000.

BRETAS, Aléxia. **A constelação do sonho em Walter Benjamin.** São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2008.

CALLADO, Tereza de Castro. **Walter Benjamin: A Experiência da Origem.** Fortaleza, Eduece, 2006.

MARRAMAO, Giacomo. **Céu e terra. Genealogia da secularização.** São Paulo: Unesp, 1997.

MATOS, Olgária C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo.** São Paulo: Moderna, 2005.

_____. **Os Arcanos do Inteiramente Outro.** SP, Brasiliense, 1989.

_____. **O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant.** São Paulo: Brasiliense,

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Ler o livro do mundo: Walter Benjamin, romantismo e crítica poética.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

_____. **Leituras de Walter Benjamin.** São Paulo : FAPESP : Anablume, 1999.